

19. Chegar juntos ao destino

"Nada, absolutamente, antepõem a Cristo, que nos conduza todos juntos para a vida eterna" (RB 72,11-12).

Nestes dois últimos versículos do capítulo 72 sobre o bom zelo que os monges devem ter, São Bento reassume e resume o que para ele é a vida monástica e, portanto, cristã, porque a vida monástica educada e formada pela Regra não quer ser senão um caminho mais profundo na vida cristã. É por isso que tantos leigos também se sentem ajudados pela Regra a viver sua vocação, às vezes, mais e melhor do que nós, monges e monjas...

Na adesão a Cristo, nossa salvação e total plenitude de vida, somos conduzidos, acompanhados, guiados para a vida eterna, precisamente para conhecer o Pai e o Filho na glória da comunhão da Trindade. No final da Regra, São Bento recorda o nosso destino último, mas também, na mesma frase, recorda-nos que estamos a caminho, e caminhamos juntos. Se devemos chegar todos juntos na vida eterna, isso significa também que devemos fazer o caminho todos juntos. A Regra, para expressar a ideia de "juntos", usa o advérbio *pariter*. Com tal uso, quase formamos a ideia de uma corrida esportiva na qual devemos chegar juntos ao mesmo objetivo, em que o resultado deve ser "igual", em que todos chegam primeiro, ou todos por último, mas é o mesmo. É como se toda a competitividade da partida consistisse no esforço de chegar juntos com os outros, de não deixar ninguém para trás e, sobretudo, de não querer chegar à meta sem os irmãos.

É como se São Bento nos quisesse incutir a preocupação do destino dos outros, mesmo enquanto nos preocupamos com o nosso. Quão importante é isso na vida monástica! Não há nada pior do que preocupar-se e cuidar somente do próprio ascetismo pessoal, esquecendo-se do progresso dos irmãos e irmãs. E isso não deve aplicar-se somente aos irmãos e irmãs de nossa própria comunidade, mas aos irmãos e irmãs de toda a Igreja e também de toda a humanidade. Se não alcançarmos a santidade, indo juntos com todos para o Céu, isso significa que também nós não chegaremos lá.

Imagino o julgamento no final de nossa vida e no fim do mundo como um encontro com Jesus que, abrindo-nos a porta do Paraíso e antes de olhar em nossa face, olhará ao nosso redor para ver se também os nossos irmãos e irmãs com os quais Ele nos permitiu fazer a caminhada, se eles também estão ali *pariter* conosco para entrar no Reino.

Se isso não acontecer, imagino que Jesus nos olhará desapontado e triste nos dirá: "Mas como, você chegou sozinho? Não veio ninguém com você? A tua fé, a tua ascese, serviu apenas para você? Você não progrediu com os outros? Você não compartilhou tua sede de um destino final com teu próximo? Com os irmãos e irmãs da tua comunidade? Com o teu esposo ou com a tua esposa? Com teus filhos? Com teus amigos? Sendo que te mostrei que o amor ao destino deveria ser compartilhado até mesmo com os próprios inimigos! Você não viu que eu mesmo não quis voltar

ao Pai sem o ladrão crucificado comigo, sem Adão e Eva e as almas da mansão dos mortos? Desculpe, mas você ainda não está pronto para entrar no Reino, deve fazer um pouco de Purgatório, e isso consistirá em esperar pelos irmãos que você deixou para trás, rezando e oferecendo para eles. Quando você puder apresentar-se com eles, lhe abrirei a porta do Paraíso e tomará o seu lugar comigo na comunhão do Pai. Pois deveis saber disto, que no Paraíso não há assentos individuais, nenhuma arquibancada em particular, mas apenas assentos coletivos, mesas onde se pode comer juntos, espaços de comunhão".

Na Regra, o advérbio *pariter* é usado apenas quatro vezes, mas todas são significativas para o mistério que estamos aprofundando. A primeira vez no capítulo 20 que trata da reverência que devemos ter na oração. São Bento nos lembra que, se queremos pedir alguma coisa ao Senhor, devemos fazê-lo "com toda a humildade e pureza de devoção" (RB 20,2), sem multiplicar palavras, mas com simplicidade de coração e sentimento de nossa miséria, portanto, que não deve ser uma oração longa (RB 20,3-4). Depois, conclui dizendo: "Em comunidade, a oração deve ser breve e, ao sinal do superior, todos se levantem juntos – *omnes pariter surgant* (20,5).

A unidade na oração, mesmo ao seu término, é um sinal e a educação de estarmos unidos na presença de Deus, unidos no reconhecer nossa miséria diante Dele e expressar a confiança de que Ele nos ouve e nos salva.

Depois o termo *pariter* é utilizado no capítulo 49 sobre a observância da Quaresma, então, novamente onde se trata do caminho de conversão que devemos fazer juntos, não somente na comunidade, mas com toda a Igreja. São Bento, depois de ter dito que a vida de um monge deve sempre ser vivida no espírito quaresmal (não só em relação à penitência, mas também enquanto o desejo da Páscoa), pede que, pelo menos na Quaresma "deve-se preservar a vida em toda a pureza, e todos juntos [*omnes pariter*] cancelem as negligências de outros tempos" (RB 49,2-3).

Portanto, aqui também, encontramos a concepção que é juntos que devemos nos converter para juntos participarmos da alegria pascal.

A terceira passagem na qual o advérbio *pariter* é utilizado, e de maneira bem significativa, está no capítulo 53 sobre a acolhida dos hóspedes. Aqui, depois de ter dito que os hóspedes devem ser acolhidos como Cristo, São Bento pede que, assim que o hóspede seja anunciado, o superior e os irmãos o encontrem "*cum omni officio caritatis* – com todas as atenções da caridade" (RB 53,3). Mas a primeira coisa que a comunidade deve fazer com o hóspede, também para evitar possíveis "enganos diabólicos – *illusiones diabolicas*" (53,5), é rezar juntos: "*Et primitus orent pariter et sic sibi socientur in pace* – e primeiro rezem juntos e assim, estejam unidos na paz" (53,4).

Esta oração juntos é primeiramente uma dilatação da comunhão de oração da comunidade para o mundo externo que vem pedir a paz. A paz não é algo abstrato, mas um modo de estar unidos, de ser "associados" (*socientur*), de ser "sócios",

companheiros de vida e de caminho. Poder comunicar-se em oração, poder compartilhar com um estranho a oração que já une a comunidade, cria a comunhão, exorciza as divisões que o *diabolus*, o "divisor" fomenta entre os homens. Já vimos isso quando falamos sobre a vida eremítica (cf. RB 1,4-5).

E isso nos permite reconhecer e amar Cristo em nosso irmão ao ponto de poder "adorá-Lo" nele: "adore-se [nos hóspedes] a Cristo que neles é recebido" (53,7).

Aqui, pode-se resumir, à luz dos quatro pontos em que a Regra usa "*pariter – juntos*", que a possibilidade de sermos levados juntos por Cristo à vida eterna (72,12) cresce em um caminho no qual somos educados a rezarmos juntos, seja em comunidade ou com todos, e juntos, a nos convertermos de nossas deficiências. Mas, sempre trata-se de estarmos unidos em reconhecer a nossa miséria, e que é o Senhor que vem para nos salvar, conduzindo-nos a todos ao destino da vida eterna que só Ele pode nos dar, porque só podemos vive-la em comunhão com Ele, antes, a vida eterna é comunhão com Ele.